

## OS FUNDAMENTOS PARA O TRABALHO DO EDUCADOR NA FORMAÇÃO DO HOMEM AUTÔNOMO

Liliane Barros de Almeida<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho centra-se na análise dos fundamentos que constituem as condições em que Rousseau busca entender a educação e a política com vistas à formação do homem autônomo. Procura-se oferecer uma contribuição a todos que se interessarem em questionar a atual *sociedade do espetáculo*, no sentido de se pensar numa educação crítica, portanto, numa educação política. Em face disso, apresenta-se a problemática, a partir do conceito rousseauiano de educação e sociedade: como deve ser pensado o trabalho do professor que forma para a autonomia? Trata-se de lançar um olhar para a obra desse autor, mas na perspectiva do trabalho do professor. A formação e a atuação dos professores, em todos os níveis de ensino, é motivo de preocupação para os envolvidos com a educação, constituindo-se, conseqüentemente, numa das questões centrais dessa área, pois, entende-se que o processo educacional tem como eixo as relações que se estabelecem entre educador e educando, e nas quais a atuação do primeiro assume papel decisivo. Nesse sentido, é preciso, então, pensar que essa atividade profissional deve privilegiar também a formação para a autonomia, rousseauianamente expressando. As reflexões encontradas na obra pedagógica “Emílio ou da Educação”, a respeito do professor, revelam princípios básicos de educação e política na inserção e no desenvolvimento do homem no mundo civil. Retomar a importância desses princípios e como eles poderiam ser pensados a partir da realidade encontrada no contexto atual da educação se faz necessário para repensar nossa sociedade. Acredita-se, portanto ser imprescindível, hoje, constituir em todo e qualquer projeto educacional a formação política do indivíduo buscando reconstruir o sentido da existência humana.

**Palavras-chave:** Rousseau, educação e sociedade, professor, autonomia, formação humana.

A principal ideia deste estudo centra-se na análise dos fundamentos que constituem o pensamento e as concepções de Rousseau buscando entender e discutir educação e política em uma relação íntima e necessária para a formação de um indivíduo autônomo, apresenta um estudo diferenciado da obra “Emílio ou da Educação” que tradicionalmente é pensada a partir do ponto de vista do aluno. Busca-se discuti-la na perspectiva do professor, entendendo como seria, ou deveria ser no pensamento rousseauiano, um professor que forma seu aluno para a autonomia.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: lilianeufgo@gmail.com

O presente estudo é de cunho filosófico, mediante uma leitura crítica consolidada num entendimento dialético com a realidade.

Segundo Ulhôa:

Quem mergulha no passado, num trabalho de filosofia, deve fazê-lo em razão da natureza peculiar da intenção filosófica que norteia sua busca, principalmente para colher subsídios que lhe permitam enriquecer a reflexão com que ele, leitor, se posiciona, criticamente, em face da práxis de seu tempo.<sup>2</sup>

Esclarece-se ainda, que as intenções desta pesquisa não residem somente no intuito de se compreender os questionamentos impostos à formação autônoma do homem, mas também o de tentar oferecer uma contribuição no sentido de que se pense uma educação mais crítica, portanto, uma educação mais política. Entendendo que a análise e a construção teórica, podem servir para motivar a transformação do movimento do real para além daquilo que ele aparenta.

As características do ato de pesquisar constroem-se socialmente, num verdadeiro processo de socialização, no qual o sujeito, o leitor, o objeto de investigação e o texto se constituem na elaboração do pensamento dando significação e sentido ao espaço e ao tempo em que se configura na pesquisa.

A adoção desta perspectiva filosófica se dá, por entender que tal pensamento permite a leitura de forma contextualizada, na busca de instituir um diálogo entre leitor e autor, realidade e prática social, para além das aparências do texto, permitindo ao leitor assumir uma postura de participante do pensamento do autor.

Nesse sentido Ulhôa afirma:

A leitura na sua condição de reveladora de um sentido, é, na dialética da história da produção do pensamento, o momento de superação dessa tensão no nível da consciência do leitor que interroga o texto por lhe pressentir um sentido.<sup>3</sup>

A questão da formação e da atuação dos professores, em todos os níveis de ensino é alvo de grande preocupação para aqueles que estão envolvidos com a educação. É hoje uma das questões centrais da nossa área, pois entende-se que o processo educacional tem como eixo as relações que se estabelecem entre educador e educando e nas quais a atuação do primeiro assume papel decisivo nessa relação, é preciso então pensar que a preparação para essa atividade profissional deve privilegiar também a formação para a autonomia de que apresenta Rousseau, se vinculando à formação dos homens.

<sup>2</sup> ULHOA, Joel Pimentel de. Reflexões sobre leitura em filosofia, p.44.

<sup>3</sup> ULHOA, Joel Pimentel de. Reflexões sobre leitura em filosofia, p.58.

A partir dessa leitura é possível refletir acerca da construção de um perfil de professor que segundo o autor tem papel fundamental na formação do indivíduo para a autonomia. Nesse trabalho busca-se demonstrar o educador rousseauiano que está sempre atento e preparando seu aluno para descoberta do conhecimento.

Rousseau é um filósofo de paradoxos, nos apresenta uma criança – o Emílio – que nasce de sua prodigiosa imaginação e um preceptor ideal, ele próprio, que conduz seu aluno, também ideal, à formação de um cidadão consciente para sua inserção no mundo civil. É uma obra construída no sentido do dever. Seu texto serve de referencial à educação, e seus pensadores contemporâneos, como manifestação de um projeto de formação pautada no diálogo, no respeito ao desenvolvimento da natureza humana e na construção do pensamento autônomo do cidadão.

O Emílio é formado por um preceptor que o orienta sem imposições e se coloca numa posição exterior às situações, permitindo ao aprendiz confrontar-se com suas dificuldades, seus temores e paixões. É papel do preceptor, conduzir aquele que aprende de acordo com a natureza, induzindo-o ao confronto das necessidades naturais (desenvolvimento de nossas faculdades e órgãos internos), esquecendo as artificiais (adquiridas no convívio com a sociedade). Para Rousseau a educação tem um caráter político muito forte, que é o de constituir um cidadão capaz de desenvolver suas potencialidades, realizar ações autenticamente humanas enquanto ser social. É papel da educação formar o homem que vai agir de acordo com a “vontade geral”<sup>4</sup>.

Rousseau critica as instituições educativas existentes em sua época:

Não posso encarar como instituição pública esses ridículos estabelecimentos chamados colégios. Tampouco considero a educação da sociedade, pois, tentando essa educação a dois fins contrários, não atinge nenhum dos dois; só serve para criar homens de duas faces.<sup>5</sup>

Para ele a educação do modo como ela se realiza constitui-se obstáculo para a sociedade. Analisando esses princípios rousseauianos, Weligton Rodrigues da Paz afirma que: “Submetido à tirania da opinião, o indivíduo perde-se a si mesmo transferindo à

---

<sup>4</sup> Rousseau, em sua obra *Do contrato social*, faz uma distinção entre vontade de todos e vontade geral que explicita com clareza o conceito de vontade geral adotada em todas as suas obras (...) a vontade geral é sempre certa e tende sempre à utilidade de público, donde não se segue, contudo, que as deliberações do povo tenham sempre a mesma exatidão. (Rousseau, 1983, p. 46-47). Há comumente muita diferença entre a vontade de todos e a vontade geral. Esta se prende somente ao interesse comum, a outra ao interesse privado e não passa da soma das vontades particulares. Quando se retiram, porém, dessas mesmas vontades; os a-mais e os a-menos que nela se destroem mutuamente, restando a mesma das diferenças, a vontade geral.

<sup>5</sup> ROUSSEAU, J. Jacques. Emílio ou da Educação, p. 13.

sociedade as razões de sua conduta.”<sup>6</sup> A educação na sociedade civil tem um caráter de aceitação de tudo que está posto e instituído, assim, o indivíduo entende sua condição como única e necessária e não como uma situação que se dá em razão das circunstâncias.

Do mesmo modo para Guimarães<sup>7</sup> “a educação da sociedade que deseduca, também educa”. Nesse momento é necessário afirmar que não há como retroceder ou negar a sociedade civil e toda sua constituição. Para Rousseau é necessário entender como funciona a vida social, e como seu espetáculo<sup>8</sup> se dá para assim desvendar o funcionamento das instituições levando o indivíduo à agir de forma autônoma<sup>9</sup> tornando-se um sujeito equilibrado, sentindo-se parte constitutiva e constituinte da sociedade, mas não manipulado ou dominado por ela.

Em seus textos Rousseau coloca a educação como aspecto essencial ao processo de conformação das vontades particulares às da vontade geral, afirma que cabe a educação evitar que as paixões humanas, tais como a vaidade ou o egoísmo, assolem o homem levando-o a ruína. É preciso então levar o indivíduo a encontrar o equilíbrio entre força e necessidade. O homem não pode ter mais força do que poder, não se pode suprir todas as necessidades do indivíduo, é preciso que ele encontre dificuldades em algumas situações, só assim encontrará o equilíbrio.

Ao propor a construção da autonomia humana Rousseau, apresenta os caminhos que desviaram o homem de sua integralidade, para isso é imprescindível compreender os conceitos por ele demonstrados, das etapas do desenvolvimento da vida coletiva. Segundo ele o homem experimentou três etapas de organização coletiva distintas: o estado de natureza, o estado moral<sup>10</sup> e o estado civil.

No primeiro estado o homem não possui consciência, vive o presente sem passado ou futuro, somente o instinto é seu guia, é puramente um animal.

---

<sup>6</sup> PAZ, Weligton Rodrigues da. Rousseau: espetáculo, educação e formação humana, p.73.

<sup>7</sup> GUIMARÃES, Ged. O espetáculo (des) educador: as lições de Rousseau a Emílio, p.35.

<sup>8</sup> Referindo-se ao homem em sociedade, Rousseau sugere adestramento, moldura, ornamento, imbecilidade. Qualificações que tornava imagem do homem um tanto patética, o que o leva a definir a sociedade como um picadeiro – se há o espetáculo é porque há os seus atores. Para Rousseau, eles são os demagogos, os farsantes; em uma palavra assim os impostores (...) O homem foi maquiado por força dos acontecimentos fortuitos e construiu a sociedade caracterizada por ele, de espetáculo (GUIMARÃES, Ged. A recusa da sociedade do espetáculo no processo de formação do homem autônomo: um estudo da abordagem de Rousseau, p. 63-64).

<sup>9</sup> “O autônomo (*autós/nómos*) é, portanto, aquele que tem capacidade de descobrir, por ele mesmo e em si mesmo, a verdade” (GUIMARÃES, Ged. A recusa da sociedade do espetáculo no processo de formação do homem autônomo: um estudo da abordagem de Rousseau, p. 30).

<sup>10</sup> A denominação: “estado moral” foi estabelecido por GUIMARÃES, no texto: O espetáculo (des) educador: as lições de Rousseau a Emílio, denominação essa que iremos compartilhar neste texto.

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

A passagem do estado de natureza para o estado civil determina no homem uma mudança muito notável, substituindo na sua conduta o instinto pela justiça e dando às suas ações a modalidade que antes lhe faltava.<sup>11</sup>

Nasce o segundo estado quando começa a perceber o outro com diferenças em relação a ele próprio, torna-se sensível e a consciência começa a agir:

Esse foi o segundo estado em que viveu a humanidade, estado em que a palavra expressava os desejos e não o cálculo egoísta do homem civilizado. Nele, o espetáculo era a natureza que ele imitava para ordenar a sua vida individual e normatizar a primeira relação social.<sup>12</sup>

No estado civil o homem encontra-se em sociedade, adquire vícios e se torna mau.

Cada um começou a olhar os outros e a desejar ser ele próprio olhado, passando assim a estima pública a ter um preço. Aquele que contava ou dançava melhor, o mais belo, o mais forte, o mais astuto ou o mais eloquente, passou a ser o mais considerado, e foi esse o primeiro passo tanto para a desigualdade quanto para o vício; dessas primeiras preferências nasceram, de um lado, a vaidade e o desprezo, e, de outro, a vergonha e a inveja. A fermentação determinada por esses novos germes produziu, por fim, compostos funestos à felicidade e à inocência.<sup>13</sup>

No estado social o homem é corrompido pela própria ambição e pelo desejo incontido e desmedido de posses isso o torna totalmente incompleto, dividido e infeliz. Sua felicidade está em possuir as coisas, dessa forma encontra-se em constante desequilíbrio sempre desejando mais do que necessita e pode adquirir.

Para Rousseau esse estado é real e deve ser superado, para isso apresenta seu projeto de educação pautado na liberdade, na virtude e na formação do homem integral, autônomo:

Que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica ou à advocacia pouco me importa. Antes da vocação dos pais a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem. Tudo o que um homem deve ser, ele o saberá, se necessário, tão bem quanto quem quer que seja; e por mais que o destino o faça mudar de situação ele estará sempre em seu lugar.<sup>14</sup>

Portanto, Rousseau demonstra no decorrer do texto como seria a formação do indivíduo, sempre pautada no diálogo entre o professor e o aluno. O professor no lugar daquele que sabe e objetiva a boa formação do seu aluno, provoca situações onde ele sinta necessidade de encontrar caminhos para o conhecimento. Para esse autor somente a educação

<sup>11</sup> ROUSSEAU, J. Jacques. Do contrato social, p. 36.

<sup>12</sup> GUIMARAES, Ged. A recusa da sociedade do espetáculo no processo de formação do homem autônomo: um estudo da abordagem de Rousseau, p. 74.

<sup>13</sup> ROUSSEAU, J. Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, p. 263.

<sup>14</sup> ROUSSEAU, J. Jacques. Emílio ou da Educação, p. 15.

despertada pelas necessidades é que terá validação para o indivíduo, que sempre utilizará o conhecimento do qual adquiriu em sua vida, tornando o saber vivo, útil. Vale ressaltar aqui que o conceito de utilidade em Rousseau é bem diferente do conceito que conhecemos hoje, aos nossos olhos contemporâneos todos os desejos de posse são necessários e úteis, para ele a utilidade é um motor que leva o indivíduo a suprir as necessidades imediatas, como na passagem em seu livro onde Emílio ao receber bilhetes que comunicam algo a ele, sente então necessidade em ler e movido por esse desejo entende a utilidade da leitura e de seu conhecimento:

Têm-se muito trabalho para buscar os melhores métodos de ensinar a ler; inventam-se escrivatinhas, mapas; faz-se do quarto da criança uma oficina gráfica. Locke pretende que a criança aprenda a ler com os dados. Não é uma invenção bem pensada? Que pena! Um meio mais seguro do que tudo isso é aquele que sempre é esquecido: o desejo de aprender. Dai esse desejo à criança, e depois deixai vossas escrivatinhas e vossos dados, pois qualquer método lhe servirá.<sup>15</sup>

Partindo dos pressupostos até aqui apresentados, como poderíamos pensar e/ou constituir o trabalho do professor que forma seu aluno para a autonomia?

A leitura de Rousseau nos instiga a elaborar uma ideia acerca desse assunto por inúmeras razões, que vão sendo descobertas ao longo da leitura de seu texto em que o conceito de formação do indivíduo, pressupõe e demonstra a atuação de um agente externo ao indivíduo que conduz a aprendizagem e a construção autônoma de si mesmo, partindo de um padrão de moralidade e cultura, a esse agente externo é atribuída a figura do mestre que serve como guia na formação desse indivíduo.

Em sua proposta pedagógica encontramos uma relação entre mestre e discípulo, com total esmero e respeito mútuo, imersa pela autoridade e autonomia respectivamente, percebe-se que essas duas categorias se complementam de forma equilibrada levando ao objetivo proposto da formação do indivíduo baseado na cooperação ativa da autoridade de um, e da construção da liberdade de pensamento de outro.

Uma característica marcante também apresentada em sua obra, em relação ao trabalho do professor, é a conexão que estabelece entre o mestre e seu poder de sedução, o que leva o aluno a descobrir o conhecimento, por vontade própria sem nenhuma imposição e sim pelo despertar da curiosidade do aluno, levando-o a uma evolução que implica na exploração do potencial do homem, sempre respeitando seu desenvolvimento e suas necessidades físicas e intelectuais, como Sócrates em sua maiêutica, que conduzia o

---

<sup>15</sup> ROUSSEAU, J. Jacques. Emílio ou da Educação, p. 135.

interlocutor ao parto das ideias, o mestre rousseauinano provoca no aluno a vontade, o desejo de conhecer.

Para Rousseau é preciso e necessário que só se deseje aquilo que se tenha força para conseguir. A necessidade suscita o desejo, e é preciso que força e desejo estejam em equilíbrio, os sentidos desequilibrados, formam um homem desequilibrado. O conceito de necessidade está voltado para a máxima força-desejo-necessidade.

Não restam dúvidas de que, esta teoria configura-se então em terreno fecundo para entendermos a construção do professor na perspectiva da formação para a autonomia, ao constituir o aluno ideal ele constrói também o professor ideal, que instiga e conduz com disciplina, rigor e respeito a individualidade do aluno, visando a aprendizagem e vivências que constituirão um homem integral, formado para o convívio em sociedade, entendendo todos os seus espetáculos e farsas.

Nesse processo o ponto de partida é a necessidade. O professor é aquele que sabe e assume seu lugar, o aluno é aquele que não sabe e deseja sair dessa condição. O professor se desloca em busca do saber junto com seu aluno. É fundamental que esse aluno seja desafiado a superar a si mesmo, é preciso que para isso ele tenha necessidade, força e desejo de saber. O professor tira o aluno do que é superficial, o saber é conquistado quando se retira as viseiras do indivíduo. Aluno e professor se deslocam de seus lugares em busca do saber, o professor não é o saber ele se desloca para provocar a necessidade de saber. O professor deve estar sempre perto e acompanhando o desenvolvimento de seu aluno, é ele que encaminha o processo, é papel do professor também fazer com que o aluno gire seu pensamento e comece a pensar diferente.

A respeito da formação de Emílio, Dozol assinala:

No Emílio forma-se o homem em sua capacidade máxima de versatilidade, preparando-o para enfrentar mudanças e adversidades; trata-se de formar o homem capaz de acompanhar o ritmo intenso de transformações do seu próprio tempo e sobreviver naquilo que tem de melhor. Independentemente dos papéis sociais que se venha a desempenhar.<sup>16</sup>

Diante do que foi exposto, pode se afirmar que, na leitura de Rousseau é também possível perceber como se engendra um autêntico projeto de cidadania, em que a política e a educação estão totalmente articuladas e se complementam numa relação íntima. Este pensador é enfático em afirmar e demonstrar como a sociedade engana e corrompe-se ao formar os

---

<sup>16</sup> DOZOL, Marlene de Souza. Da figura do mestre, p. 46.

indivíduos na obscuridade, levando-os à instituição da *sociedade do espetáculo*<sup>17</sup>, onde os homens se submetem à tirania da opinião, cedem sem maiores constrangimentos, aos falsos valores que são impostos de forma degenerada, pela sociedade e ainda em nome desses valores buscam a felicidade fora de si mesmos, na dependência do outro ou na satisfação da posse material.

Nesse aspecto aponta ainda que o homem é um ser de vontade e liberdade, poderá optar entre resistir ou sucumbir às vontades individuais ou coletivas; é livre para diante das tentações ser contido pela própria consciência. Para que o homem consiga atingir esse entendimento, é preciso, desde muito cedo, guiar sua razão à compreensão do pensar autônomo que enxerga a sociedade como instituição necessária.

Ainda de acordo com o pensamento rousseauiano, a educação tem o compromisso de contribuir para que cada indivíduo, sendo parte isolada do corpo social, portanto, unidade relativa, integre-se à instância social, inserido num coletivo atuante que trabalha rumo à conservação da *vontade geral*<sup>18</sup>.

Claramente são delimitados três tipos de educação. Apresentam-se, assim, a educação da natureza que corresponde ao desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos (como: andar, falar, comer...); a educação dos homens, caracterizada pela mediação do mestre ou das instituições sociais no uso (bom ou mal) que nos ensinarão a fazer do nosso próprio desenvolvimento interno (aprendizagem, trabalhada nas instituições de educação); e, a educação das coisas, constituídas pela aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam (experiência de vida).

Na perspectiva dessas três categorias de educação expostas por Rousseau, podemos entender que para ele o homem bem educado seria aquele em que os três tipos de educação se encontrem harmônica e plenamente desenvolvidas, de forma que a primeira direcione a relação entre as outras. O professor não deve de forma alguma deixar de priorizar nenhuma delas em seu projeto educativo para a autonomia. Parte-se do conhecimento da natureza do indivíduo e do respeito a essa mesma natureza para conduzir a sua formação através da opção dos homens e das coisas, com fins a emancipação do pensamento e das ações.

Entende-se que o indivíduo não se forma espontaneamente é possível compreender que a vontade e o desejo são estruturáveis, tornando-se o ponto-chave do encaminhamento

---

<sup>17</sup> GUIMARAES, Ged. A recusa da sociedade do espetáculo no processo de formação do homem autônomo: um estudo da abordagem de Rousseau.

<sup>18</sup> O conceito é aqui pensado conforme já exposto, anteriormente, em nota de número 4.



para que o aluno alcance a autonomia e ingresse no mundo social de forma a não se corromper com ele.

O homem não nasce com o conhecimento e a vontade prontos, mas sim com a capacidade de constituí-los; assim como também não traz consigo órgãos e razão formados, mas em condições de desenvolvê-los

Nascemos capazes de aprender, mas não sabendo nada, não conhecendo nada. A alma acorrentada a seus órgãos imperfeitos e semiformados, não tem se quer o sentimento de sua própria existência. Os movimentos, os gritos da criança que acaba de nascer, são efeitos puramente mecânicos, desprovidos de conhecimento e de vontade.<sup>19</sup>

Rousseau admite a fragilidade inicial do ser humano, levando ao entendimento de que ele precisa ser acompanhado por um guia que o conduza ao desenvolvimento e aperfeiçoamento das faculdades e potencialidades naturais no decorrer de sua vida. É fundamentalmente nesta incompletude que reside o poder da educação: “Tudo que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação”<sup>20</sup>.

A educação se constitui como processo formativo que acontece na relação e influência recíproca entre mestre e discípulo, estabelecendo uma interação sensível e racional entre os dois ao mesmo tempo, preservando a identidade e o papel de ambos. Sobre esse aspecto Rousseau indica ao educador:

Primeiramente, vede bem que raramente cabe a vós propor o que ele deve aprender; cabe a ele desejá-lo, procurá-lo, encontrá-lo; cabe a vós colocá-lo ao seu alcance, fazer habilmente nascer esse desejo e fornecer-lhe os meios de satisfazê-lo.<sup>21</sup>

O autor apresenta uma relação, mestre e discípulo, pautada em princípios coerentes, porém, caracterizada por conflitos, que devem servir de instrumentos e/ou estratégias de uso, consciente e intencional, do professor para a condução, sem que o aluno perceba, do empreendimento formativo do homem autônomo, que vive em sociedade, entende suas instituições e constituições, mas não se corrompe com elas e que acima de qualquer influência preserva sua natureza humana íntegra. Toda ação do mestre deve sempre voltar à perspectiva de um sujeito que é conhecido em suas necessidades e desenvolvimento. A esse respeito Rousseau orienta:

Segui um caminho diferente com vosso aluno; que ele imagine sempre ser o mestre e que vós o sejais sempre. Não há sujeição mais perfeita do que aquela que conserva

<sup>19</sup> Rousseau, J. Jaques. Emílio ou da educação, p. 40 e 41.

<sup>20</sup> Idem, p. 09.

<sup>21</sup> Ibid, p. 235.

a aparência da liberdade: cativa-se assim a própria vontade. A pobre criança que não sabe nada, que não pode nada, que não conhece nada, não está a vossa mercê? Não dispondes em relação a ela de tudo o que a cerca? Não sois senhor de impressioná-la como vos agrada? Seus trabalhos, seus jogos, seus prazeres, suas penas, não está tudo em vossas mãos sem que ela o saiba? Sem dúvida não deve ela fazer senão o que quer; mas não deve querer senão o que quiserdes que ela faça; não deve dar um passo que não tenhais previsto; não deve abrir a boca sem que saibais o que vai dizer.<sup>22</sup>

O mestre deve ser aquele que está sempre presente, pronto a apoiar e conduzir seu discípulo, de olhar atento, observador e respeitoso da natureza humana que ao mesmo tempo deve ser conhecedor e fazer-se servidor dela. Deve participar do processo educativo de forma a assegurar o direcionamento e a estabelecer meios favoráveis a possibilitar os momentos propícios à sua intervenção de forma discreta, às vezes até imperceptível aos olhos do aluno. Sempre seguro em relação aos fins de seu projeto educativo.

A relação entre o mestre e o discípulo é de muita cumplicidade, onde o professor é aquele que sabe e assume o seu lugar, e o aluno aquele que não sabe, mas deseja sair dessa condição. Portanto, professor e aluno devem se deslocar de seus lugares em busca do saber. Nas palavras de Guimarães:

Nada deve ser imposto entre mestre e discípulo, a não ser, é claro, o desejo de compreender, de forma rigorosa e radical, o que ainda não se sabe. Rousseau, note-se bem, não é contra todos os métodos ou recursos didáticos. O método deve ser aquele que manda a natureza; os recursos, aqueles que Emílio for capaz de produzir, pois, para Rousseau, é a vontade interior que deve comandar e não algo que provenha de fora – seja do mestre ou dos recursos.<sup>23</sup>

Não é tarefa fácil, lutar e construir uma educação para a autonomia, pois é ir contra o espetáculo que se encontra instituído no mundo social, espetáculo esse que visa uma educação voltada para a reprodução e manutenção do engodo da vida social, voltada para o superficial, a estética, o consumismo exacerbado e o controle do indivíduo pelas mídias e instituições sociais.

Conforme já mencionado anteriormente, na leitura das obras rousseauianas, é possível conceber um mestre que trabalha uma educação pensada para a autonomia do indivíduo, que o leve a pensar e a agir de forma consciente e humana, não corrompendo-se diante do espetáculo, valorizando a autonomia e a liberdade do pensamento retomando os ideais, os valores e as práticas humanas como bases no seu projeto educativo.

---

<sup>22</sup> Idem, p. 140.

<sup>23</sup> GUIMARÃES, Ged. O espetáculo (des)educador: as lições de Rousseau a Emílio, p.39.

O mestre, em Rousseau, sabe que a educação deve trabalhar para a superação do imediato, do superficial. Os homens devem transcender o mundo da aparência, da imagem, das paixões. A dúvida, o questionamento, o pensamento, a compreensão e a crítica são fundamentos que contribuirão à condução dos seres humanos ao desenvolvimento da capacidade racional sem obscuridades, entender e reconhecer a validade das ideias e ações que se lhes apresentam na vida social, formando-os para distinguir o necessário do utilitário, a essência da aparência, o real do superficial, enfim, para o pensamento crítico e autêntico. Trata-se de formação para a preservação da natureza humana.

Para Coelho:

Humanizar significa criar condições para aos que pertencem à espécie humana realizarem em sua existência, em seus atos, a racionalidade, a autonomia, a liberdade em sua relação com a natureza e o outro e, portanto, na “con-vivência” social, o que supõe o reconhecimento da igualdade fundamental, afirmando-se todos como iguais, sujeitos da cultura, do saber e da ação. A educação, a escola, a universidade é chamada a trabalhar para que todos possam realizar sua humanidade. Daí a necessidade de cultivar a reflexão, o autodomínio, sem o que não há autonomia, sujeito, pessoa.<sup>24</sup>

É preciso e necessário compreender que o mestre deve ser aquele que tem consciência e valoriza o saber e reconhece a importância de se possibilitar o processo de ensino-aprendizagem, que tem a socialização dos indivíduos como cenário de sua ação, estimulando o desenvolvimento e a vivência de situações reais no convívio e nas relações sociais do cotidiano. O compromisso desse educador estará sempre voltado para a descoberta e o cuidado não só da razão, mas também das paixões da consciência humana. Segundo Rousseau: “Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana. Aquele de nós que melhor souber suportar os bens e os males desta vida é, para mim, o mais bem educado.”<sup>25</sup>

Esse é um dos maiores desafios que se apresenta à educação e aos educadores: pensar a educação a partir do estudo da condição humana numa sociedade em que o consumo tem o mais alto valor, o que significa a submissão do homem a uma lógica de mercado que atenda a interesses individuais, que levam o sujeito à conformação de um lado e à desequilibrada busca por desejos de consumo que não serão satisfeitos nunca.

Rousseau propõe que o mestre leve seu discípulo a transcender essa sociedade mesmo estando presente nela, através da negação dessa instituição, formando um sujeito que encontra o equilíbrio entre desejo e necessidade. Esse sujeito caminhará em direção à felicidade tendo compreensão de que ela não será comprada, vendida, emprestada ou dada,

<sup>24</sup> COELHO, Ildeu. Universidade e formação de professores, p. 55.

<sup>25</sup> Rousseau, J. Jaques. Emílio ou da educação, p. 15.

não virá de uma pessoa ou de um objeto, mas, sim, será uma conquista que lhe exigirá muito esforço, conduzindo-o a aprender a desejar somente o necessário, de acordo com suas próprias possibilidades de conquista.

Como explica Guimarães:

Resta àquele que sobrevive ao encantamento que as máscaras proporcionam – guardado com apreço pelo público – a recusa individual transmutada como impulsionadora da “resistência”<sup>26</sup>, só factível no plano solidário.<sup>27</sup>

O indivíduo formado a partir desses pressupostos buscará pensar e agir para além das figuras e das encenações sociais com as quais se deparar, ele dispensará o encantamento da imagem e das representações, assumindo uma postura de pensamento livre do engodo da sociedade, agindo de forma a buscar sua constante emancipação, que o constitui como ser social. Esse homem é dotado da capacidade de auto-reflexão, é capaz de ver e entender seu papel no convívio social e a necessidade de se preservar a condição humana como bem comum. Compreendo-se, ao mesmo tempo, como parte e todo do corpo da sociedade.

O mestre rousseauiano tem consciência plena de seu papel no projeto de educação que se propõe, trabalhando para a reconstrução do pensamento e da ação constantes em relação às contradições e paradoxos encontrados na vida em sociedade. Buscará então formar homens capazes de refletir, pensando e agindo de forma a questionar seu estado e seu lugar nessa sociedade, do espetáculo, visando estabelecer através do “pacto social”<sup>28</sup> e da convivência com os seus semelhantes, a construção de uma outra sociedade diferente, que se preocupe com a garantia da liberdade da igualdade para todos.

Na mesma direção Coelho afirma que para se formar o homem integral é necessário um professor atento e rigoroso, sobretudo, com a sua própria formação, diz ele:

Enfim, exige um professor que a cada momento se faça trabalhador intelectual, alguém que pensa, compreende e trabalha para transformar a sociedade, a cultura, a educação, a escola, a universidade, a formação, o ensino, e a aprendizagem; alguém que trabalha, não com saberes mortos, acabados e prontos, a serem aceitos e consumidos, mas com saberes vivos, instigantes da inteligência, da imaginação e da

---

<sup>26</sup> “resistência”, termo destacado pelo autor e citado como: ADORNO, Theodor W. op. cit., p. 154.

<sup>27</sup> GUIMARÃES, Ged. A recusa do espetáculo no processo de formação do homem autônomo: um estudo da abordagem de Rousseau, p. 208.

<sup>28</sup> Rousseau, propõe o “Pacto social”, com a garantia da constituição de uma sociedade que mais se aproxima da virtude e da justiça. Assim propõe: “Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja a pessoa e os bens de cada associado com toda a força comum, e pela qual cada um, unindo-se a todos, só obedece contudo a si mesmo, permaneceu de assim tão livre quanto antes”. (ROUSSEAU, J. Jacques. Do contrato social, p. 32). Ao apresentar esta questão nessa passagem do texto procura-se mostrar a importância da força do coletivo na busca da construção de uma nova sociedade, onde as forças particulares se auto-anulam e o corpo social se auto-regula.

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

sensibilidade de docentes e discentes. Mestre e sábio é quem interroga, pensa, questiona as concepções e as práticas, próprias e dos outros e, vigilante e crítico, trabalha para inserir os humanos no mundo da autonomia, da liberdade, da dúvida, da crítica e do rigor próprios do trabalho intelectual, da reflexão, do pensamento, da expressão, mundo esse inseparável da ação.<sup>29</sup>

Esse parece constituir um dos grandes desafios da educação: recuperar, de maneira efetiva, o potencial e o papel do mestre, na formação para a autonomia. Tal tarefa adquire proporções mais amplas – e difíceis de serem suplantadas - em um mundo onde o pensamento converteu-se em elemento de troca; um mundo em que o que importam são as aparências; um mundo em que o imediato se impõe à reflexão; o individual se sobrepõe ao coletivo, ao bem comum.

#### REFERÊNCIAS

COELHO, Ildeu Moreira. Universidade e formação de professores. In: GUIMARAES, V. S. (Org.). **Formar para o Mercado ou para a autonomia?** São Paulo: Papirus, 2006.

DOZOL, Marlene de Souza. **Da figura do mestre**. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: EDUSP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Rousseau: educação: a máscara e a o rosto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GUIMARAES, Ged. **A recusa da sociedade do espetáculo no processo de formação do homem autônomo**: um estudo da abordagem de Rousseau. Belo Horizonte, 2004. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais.

\_\_\_\_\_. O espetáculo (des)educador: as lições de Rousseau a Emílio. In: GUIMARAES, V. S. (Org.). **Formação para o mercado ou para autonomia?** São Paulo: Papirus, 2006.

HOBBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções**. Trad. Maria Tereza Lopes e Marcos Penchel. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

PAZ, Wellington Rodrigues da. Rousseau: espetáculo, educação e formação humana. In: COELHO, Ildeu M. (Org.). **Educação, cultura e formação**: o olhar da filosofia. Goiânia: PUC Goiás, 2009.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

---

<sup>29</sup> COELHO, Ildeu. Universidade e formação de professores, p. 60

**IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011**

\_\_\_\_\_. **Do contrato social**. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. **Emílio ou da educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Emílio ou da educação**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

\_\_\_\_\_. **Confissões**. Trad. Rachel de Queiroz e José Benedicto Pinto. Bauru, SP: EDIPRO, 2008.

ULHOA, Joel Pimentel de. **Reflexões sobre a leitura em filosofia**. Goiânia: Editora da UFG, 2000.